

AS QUALIDADES INDISPENSÁVEIS DE UM PROFESSOR DE LITERATURA: UMA PROPOSTA DE TRABALHO PARA O ENSINO MÉDIO

Sílvia de Paula Bezerra (UNIVERSIDADE MACKENZIE - SP)¹

Resumo: O objetivo deste trabalho é, partindo de nossas leituras e da experiência em turmas do ensino médio de escola pública municipal, estabelecer um diálogo entre o que pontua (FREIRE, 2016) na sexta carta da obra *Professora, sim; tia, não. Cartas a quem ousa ensinar* e o que dizem estudiosos da atualidade acerca da leitura literária na escola, como (DALVI, 2013) e (COLOMER, 2007). Buscamos, por meio deste texto, ampliar as discussões e a troca de experiências que podem auxiliar os professores de língua portuguesa e literatura em sua formação e no trabalho difícil e ao mesmo tempo prazeroso, de aprofundar a relação entre os estudantes e a leitura literária.

Palavras-chave: Literatura; Leitura; Ensino; Estratégias

O ensino de literatura e de leitura literária vem sendo discutido por diversos autores como (TODOROV, 2009), (PERRONE-MOISÉS, 2016), (ROUXEL, 2015) entre outros. E essa discussão se deve ao fato de que mudanças são necessárias para que a escola consiga realizar um trabalho mais efetivo na construção de novos leitores, principalmente, no ensino médio uma vez que neste período a independência leitora dos estudantes deve ser consolidada, conforme pontua (ROJO, 2009), visando não só o mercado de trabalho, mas também a ampliação de suas visões de mundo e de sua cidadania.

Por isso, os estudos desses autores reconhecem a importância da formação de professores para que essa tarefa alcance êxito. Afinal, são leituras e obras escolhidas por esses profissionais que moldam, em um primeiro momento, as escolhas feitas pelos estudantes. Assim, pensamos que falar acerca da formação de docentes é lembrar a obra de Paulo Freire e sua atualidade, pois: “[...] Com obras publicadas em mais de vinte países, Freire continua a desempenhar importante papel na formação de professores, comprometidos com a utopia de um Brasil melhor [...]” (VASCONCELOS, 2016, p.109).

Assim, ao nos aprofundarmos na leitura da obra desse educador e de outros estudos a respeito do trabalho em sala de aula, bem como nas experiências que

¹ Professora da rede pública municipal de Barueri-SP há 16 anos, Mestre em Letras (MACKENZIE), Doutoranda em Letras (MACKENZIE). Contato: silviadepaulla@bol.com.br.

realizamos com estudantes do ensino médio, percebemos que a aproximação entre teoria e prática é, não só possível como também muito proveitosa para formar leitores fluentes e, por conseqüência, cidadãos mais preparados.

Na sexta carta da obra *Professora, sim; tia, não* que nomeia este trabalho, Paulo Freire menciona as oito qualidades indispensáveis de um professor. Desse modo, partindo de seu ponto de vista e da leitura que fizemos, estabelecemos um diálogo com a prática em sala de aula conforme pontuaremos a seguir.

A primeira característica citada pelo educador é a humildade, uma vez que: “ninguém sabe tudo, ninguém ignora tudo” (FREIRE, 2016, p.121). Por isso, de acordo com o que pensamos, o professor precisa conhecer e respeitar as leituras prévias e o mundo cultural de seus alunos. Infelizmente, essa não é uma realidade quando falamos do ensino de literatura. Por isso, o que foi afirmado por Freire é retomado por Colomer ao falar sobre o trabalho com a literatura em sala de aula:

Os alunos gostam de determinadas manifestações literárias. Não há dúvidas sobre isso, embora possa ocorrer que se divirtam repetindo as conhecidas metáforas de uma canção da moda, ou lendo, um atrás do outro, os títulos de uma coleção banal e estereotipada de contos de mistério, enquanto se mantém impenetráveis ante um soneto de Petrarca ou um conto de Edgar Allan Poe. Temos de saber “onde estão” para ajudá-los a ampliar progressivamente sua capacidade de fruição. Não saltarão de repente de um tipo de *corpus* a outro. (2007, p.67)

Logo, ao compararmos as falas de ambos, percebemos que concordam no sentido de que o ensino por meio de trocas entre professor e alunos é muito mais produtivo. Assim, quando o docente busca saber sobre o universo cultural em que os estudantes estão inseridos pode encontrar os meios de, partindo desses conhecimentos e referências, levá-los a ampliar sua capacidade de fruição.

Então, de acordo com nossa interpretação, podemos dizer que a humildade está atrelada à amorosidade, próxima qualidade mencionada pelo estudioso da educação e que deve, segundo ele, ser demonstrada: “não apenas aos alunos, mas ao próprio processo de ensinar” (FREIRE, 2016, p.123). De acordo com o educador, é preciso que o professor goste do que faz e acredite em seu trabalho, mesmo diante das dificuldades que enfrenta.

Por essas razões, um profissional que demonstra interesse e respeito pela realidade cultural de seus alunos tem grande chance de conseguir fazer com que a leitura literária aconteça de maneira satisfatória, conforme assevera Rouxel:

As pesquisas atuais em didática da literatura, fundadas no estudo muito preciso de transcrições de curso, mostram que é a atenção dada ao aluno, enquanto sujeito, a sua fala e a seu pensamento construído na e pela escrita que favorece seu investimento na leitura. A importância do clima estabelecido no interior da comunidade interpretativa (a classe, o professor) é enfatizada: um contexto onde reinam a confiança, o respeito e a escuta mútuos é propício ao encontro com os textos literários – e é mesmo determinante. (2013, p.31)

A autora enfatiza a *importância do clima*, isto é, de um bom ambiente de trabalho que, de acordo com nossa experiência, vai sendo construído ao longo do tempo e das aulas por meio dos diálogos entre professor e aluno. Sabemos que não basta apenas respeitar o gosto dos estudantes e permanecer nele, quer dizer, ler apenas as obras dos estilos com os quais eles estão acostumados, mas sim partir desse contexto para, em seguida, buscar a sua ampliação.

Desse modo, para que o docente consiga atingir esse objetivo, o autor pontua a terceira característica: coragem. De acordo com as ideias defendidas por ele, ao longo de nossa prática em sala de aula é normal que sintamos medo uma vez que:

[...] por em prática um tipo de educação que provoca criticamente a consciência do educando necessariamente trabalha contra alguns mitos que nos deformam. Ao contestar esses mitos contestamos também o poder dominante pois que esses mitos são expressões desse poder, dessa ideologia. (FREIRE, 2016, p. 125)

Assim, acreditamos que a contestação de mitos mencionada pelo educador acontece quando há o questionamento tanto parte do professor, por exemplo, ao ler uma das obras de que os estudantes gostam e encontrar qualidade e caminhos para apresentar outras leituras, como também por parte dos alunos que, entre outras coisas, podem pensar que a *Literatura* não é para eles:

[...] reiterando a ideia de que literatura é algo para gente “genial” (que consegue entender aquilo que é incompreensível para a maioria), “ociosa” (que tem tempo de ficar discutindo “o sexo dos anjos”) ou

“viajante” (que fica delirando/inventando/imaginando coisas onde não há nada para ser visto/percebido) (DALVI, 2013, p.75)

Por conta de todos esses julgamentos, o professor apresenta certo receio, por exemplo, de associar obras canônicas à realidade dos alunos, de partir do conhecimento e do gosto literário e artístico dos estudantes para atingir seus objetivos pedagógicos, de ser criticado por seus colegas e de que o seu trabalho não dê certo. Entretanto, ainda que reconheça que o professor lide com vários medos, Paulo Freire afirma que “o que não posso permitir é que o meu medo me imobilize” (FREIRE, 2016, p.125), isto é, o docente deve seguir em frente apesar da insegurança e buscar cada vez mais conhecimentos que viabilizem a sua prática.

Além disso, aproximar o ensino de literatura e a leitura literária da realidade dos alunos e buscar resultados positivos a partir da relação entre teoria e prática são tarefas que vão exigir o exercício constante da próxima qualidade elencada por Freire: a tolerância. De acordo com o educador, essa capacidade: “é a virtude que nos ensina a conviver com o diferente. A aprender com o diferente, a respeitar o diferente” (FREIRE, 2016, p. 126).

Ao tomarmos contato com esse modo de pensar, podemos perceber que o educador volta a falar do respeito e enfatiza a convivência com o diferente. Na leitura que fizemos, baseada em nossa prática educativa, trazemos essa virtude para o momento em que os alunos dão, por exemplo, uma resposta equivocada a uma pergunta do professor ou quando *extrapolam* a interpretação para além do texto. Em situações assim temos, além das palavras de Freire, o que pontua Rouxel:

De todo modo, o entretenimento e a compreensão e a interpretação do texto esperados em classe resultam de uma negociação que se espera suficientemente liberal, capaz de admitir variações que não alterem o núcleo semântico do texto, de modo a deixar aberta a polissemia. (2013, p.29)

Podemos dizer que o pensamento da estudiosa coincide com o de Freire no sentido de buscar sempre a abertura ao diálogo e à construção de um ambiente que colabore para que o maior número de possibilidades de leitura da obra literária seja abarcado. Achamos válido lembrar que, ao falar da tolerância, o educador enfatiza que ela não é um favor ou uma doação, mas a consequência de uma postura responsável, amorosa e

competente por parte do professor, isto é, uma atitude leva a outra e todos ganham. Por isso, acreditamos que essa virtude pontuada por Freire diz respeito também à questão da avaliação uma vez que, para atingir os resultados pretendidos, o docente deve:

Avaliar sem punir, avaliar para promover a aprendizagem e principalmente a aproximação e o respeito, avaliar com rigor, mas sem desprezar a “rugosidade” inerente ao próprio processo de avaliação, avaliar com critérios claros e enunciáveis, avaliar a partir do diálogo, avaliar avaliando a própria avaliação: a efetividade e a qualidade da leitura são as únicas coisas realmente importantes. (DALVI, 2013, p.83)

Desse modo, quando da impossibilidade de deixar de lado a temida *prova do livro*, o professor precisa exercitar a flexibilidade para valorizar a leitura e a interpretação dos alunos e, dentro do possível, procurar compreender o caminho interpretativo seguido por eles, mesmo quando as notas não forem tão boas. Assim, para que esse e outros modos de avaliar e de utilizar os resultados das avaliações como maneiras de reflexão a respeito do trabalho realizado sejam possíveis, vamos precisar da próxima qualidade: a decisão.

Ao definir o que pensa a respeito dessa competência, Freire (2016) a relaciona com a segurança, baseada em conhecimento, que o professor deve ter para tomar decisões. O estudioso vai relacionar essa qualidade com o que ele chama de “disciplina intelectual” (FREIRE, 2016, p. 129), ou seja, o poder de decidir deve estar embasado em firmeza e boa formação.

Assim, entendemos que durante a realização do seu trabalho o professor sempre irá deixar claro sua autoridade e, tendo como base seu repertório cultural, decidir as leituras a serem realizadas, além de estabelecer e divulgar o que levará em consideração ao avaliar seus alunos pois,

O professor tem de saber traçar cuidadosa e prudentemente a fronteira entre a leitura legítima e a liberdade de leitura e a confusão e o “relaxo” interpretativo-analítico-crítico (e faz isso a partir de sua experiência e repertório como sujeito leitor e de sua formação sólida, tanto inicial quanto continuada) (DALVI, 2013, p.79)

Portanto, percebemos que ambos os autores tratam do mesmo tema: quanto maior o conhecimento do professor e quanto melhor a sua formação, mais segurança ele terá em

suas escolhas e maior será a sua capacidade de decisão. Desse modo, essa postura será transmitida aos alunos ao longo das aulas, construindo uma sólida relação de confiança.

Ao trabalhar constantemente para atingir os objetivos mencionados anteriormente, o docente precisará exercitar mais uma das qualidades valorizadas por Freire. Na realidade, duas: paciência e impaciência. De acordo com a nossa interpretação, a primeira palavra relaciona-se com o respeito ao tempo dos alunos e também às questões inerentes à estrutura que a escola oferece para que o docente realize seu trabalho.

Acreditamos que a paciência aliada à tolerância são necessárias para fazer dos estudantes bons leitores e também para cobrar dos gestores escolares boas condições de trabalho, como a existência de uma sala de leitura e a aquisição de livros, por exemplo.

Por outro lado, a impaciência deve ser evitada para que o professor não corra o risco de “perder-se entre táticas e estratégias” (FREIRE, 2016, p.130). O educador insiste na ideia de que o docente precisa dosar as duas características para alcançar os resultados pretendidos. E, concordando com essa visão temos:

A leitura dos textos literários, na escola, deve ser guiada pelo professor com segurança, mas com delicadeza e com discrição, de modo que o aluno seja efetivamente um leitor com identidade própria, isto é, um leitor que leia com sua memória, sua imaginação, sua experiência vital, suas expectativas e seus conhecimentos lingüísticos e literários (DALVI, 2013, p.80)

Por isso, pensamos que a paciência e a impaciência devem ser dosadas. Tanto no trabalho em sala quanto fora dela. Desse modo, o professor irá realizar seu trabalho da melhor maneira possível: sem ser conformado de tão paciente, ou totalmente intolerante por conta de seu oposto. E assim, podemos dizer que o equilíbrio entre essas duas qualidades resultam na próxima, que é a parcimônia verbal.

Essa virtude diz respeito ao que o professor fala e ao modo como fala. Ter um discurso coerente com a prática e procurar não alternar momentos extremamente permissivos com outros de autoridade máxima. Relaciona-se com a já mencionada aproximação entre paciência e impaciência e também com a amorosidade sempre defendida por Paulo Freire, para quem: “amar não basta, precisamos de saber amar” (FREIRE, 2016, p.131).

Nas aulas de literatura, essa qualidade está diretamente ligada ao respeito mútuo e ao trabalho do professor que deve, ao longo de suas aulas, privilegiar as obras em si e não aquilo que os críticos e ele próprio poderiam dizer sobre elas. E quanto à ideia do *saber amar*, acreditamos que o docente deve sempre lembrar que os elogios devem ser feitos em público e as críticas em particular. Em turmas do ensino médio como as em que lecionamos e com adolescentes de modo geral, essa atitude é extremamente importante porque, ao fazer o oposto, o professor pode perder todas as conquistas que tenha feito até o momento.

Logo, de acordo com a leitura que fizemos, temos que a parcimônia verbal nomeada por Freire (2016) diz respeito ao trato diário do professor com os alunos, ao conteúdo que deverá ser transmitido, à qualidade que esse contato deve ter e chega até as formas pelas quais o profissional irá avaliar os resultados do seu trabalho, isto é, o equilíbrio entre discurso e prática deve ser uma busca constante.

Para finalizar temos a característica que julgamos das mais necessárias ao trabalho dos profissionais de educação: a alegria de viver. Em seu texto, Freire (2016) reitera a necessidade de continuarmos acreditando que é possível sermos bons educadores apesar das dificuldades que enfrentamos. Além dos problemas citados pelo autor e que abrangem questões políticas, econômicas e sociais do país, os obstáculos específicos que o professor de literatura precisa transpor em sala de aula são:

Além da má formação pregressa, a aprendizagem engessada das “escolas” literárias, o pouco tempo dedicado à leitura literária e à constituição do sujeito-leitor, a fragmentação da disciplina de língua portuguesa em gramática-literatura-produção de texto, a pequena carga horária destinada às aulas “de literatura”, a pressão dos exames e processos de seleção e a adoção de resumos canhestros das obras que deveriam ser lidas, tudo isso vem coroar uma história de “fracasso” ou “insucesso” [...] (DALVI, 2013, p.75).

Entretanto, encontramos não só em Paulo Freire, mas nos demais estudiosos que lemos ao longo de nossa pesquisa, a defesa veemente de que professor siga otimista e encontre meios de realizar o seu trabalho de maneira cada vez mais significativa para si e para seus alunos.

Ao procurar vencer cada uma das dificuldades listadas acima, mesmo que não seja em um curto prazo e nem todas de uma só vez, o docente deve exercitar as virtudes

elencadas pelo estudioso e encontrar o seu próprio meio de seguir fazendo o que acredita, aliando formação e sentimento.

Ademais, mesmo que saibamos, de acordo com a nossa experiência, que essa não é uma tarefa simples, reforçamos nosso ponto de vista com a seguinte frase: “é a minha entrega à alegria de viver, sem que esconda a existência de razões para tristeza na vida, que me prepara para estimular e lutar pela alegria na escola” (FREIRE, 2016, p.132).

E a literatura, bem como as artes em geral, também pode contribuir para que essa alegria de se descobrir e ser capaz de refletir e de seguir em frente, seja cada vez mais difundida, o que, conforme defendemos é um dos principais objetivos do trabalho de um professor.

Referências

- COLOMER, Teresa. *Andar entre livros – a leitura literária na escola*. Tradução Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- DALVI, Maria A. “Literatura na escola: propostas didático-metodológicas”. In: DALVI, Maria A.; REZENDE, Neide L.; FALEIROS, Rita J. (Org.) *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013, p. 67-97.
- FREIRE, Paulo. *Professora, sim; tia, não: cartas a quem ousa ensinar*. 26ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- ROJO, Roxane. *Letramentos múltiplos, escola e inclusão social*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- ROUXEL, A. “Aspectos metodológicos do ensino de leitura”. In: DALVI, Maria A.; REZENDE, Neide L.; FALEIROS, Rita J. (Org.) *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013. p.17-33
- TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Tradução Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.
- VASCONCELOS, Maria Lucia M. Carvalho. “A indignação e a não neutralidade do sujeito educador”. In: VASCONCELOS, Maria Lucia M. Carvalho; BRITO, Regina Pires de. (Org) *Paulo Freire em tempo presente*. São Paulo: Terracota Editora, 2016. p. 109-115.